



História da Gramática: caráter elitista x linguagem falada

Autor(es): CABANA, Laís Tiemi Horiye
Apresentador: Laís Tiemi Horiye Cabana
Orientador: Paula Fernanda Eick Cardoso
Revisor 1: Vinicius Marques Estima
Revisor 2: Rejane Flor
Instituição: Universidade Federal de Pelotas

Resumo:

A gramática teve seu surgimento na Grécia antiga, em um período em que os filólogos se mostravam preocupados em preservar a língua grega na maior limpidez possível. Esse processo era feito por meio da descrição das regras gramaticais utilizadas pelos grandes autores clássicos para que servissem de modelo a todos os outros que tivessem a intenção de escrever obras literárias na língua grega. Porém, esse novo campo de estudo cometeu um grandioso equívoco ao separar a língua escrita da língua falada e também ao entender como inaceitáveis as mudanças das línguas. Por se dedicar única e exclusivamente à língua escrita, a Gramática Tradicional (GT) é classificada como tendo um caráter essencialmente elitista. Em relação à língua portuguesa do Brasil o que ocorreu foi uma tentativa de descrever a língua usando as definições e os conceitos aplicados na Antiguidade clássica, ao grego e ao latim. Por isso, diz-se que a GT possui preceitos oriundos da transformação de dogmas em verdades absolutas, tornando-a, erroneamente, uma doutrina, sagrada e infalível. Atualmente, denominamos Linguística todos os estudos contemporâneos e antigos sobre a linguagem, incluindo a GT. Sua principal inovação foi buscar recuperar à língua falada a importância que sempre lhe fora negada. Além disso, os estudos linguísticos vieram mostrar que as inter-relações entre língua, cultura e sociedade são muito complexas e podem tomar para si diferentes formas. A principal herança do caráter elitista e não-científico da GT foi o surgimento da noção de “erro”. Para Marcos Bagno, o que teríamos, na verdade, são diferentes gramáticas para diferentes variedades do português, ou seja, seu raciocínio parte do pressuposto de que no Brasil não existiria uma língua homogênea, mas variantes de uma mesma língua portuguesa, as quais não devem ser compreendidas como mais “corretas” ou mais “erradas” levando em consideração umas em relação as outras, mas deveriam ser compreendidas e aceitas como modalidades diferentes entre si, uma vez que a variação é inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, etc. Nesse sentido, as mais recentes discussões no campo dos estudos linguísticos buscam comprovar que essa multiplicidade de realizações do sistema em nada prejudica as suas condições funcionais.